

Os Grupos em Israel

A Aliá

NESTE meio tempo, chegara já a época de *aliá* (imigração, “subida” para Israel) para o primeiro grupo no *Kibutz Hachshará* “Ein Dorot”. O grupo dividiu-se em duas partes, que partiriam separadamente, uma antes, a outra depois, para assim ficar mais algum tempo na *hachshará*, auxiliando o 2º grupo a tomar nas mãos as rédeas de “Ein Dorot”.

A parte primeira embarcou em começos de 1950, pelo “Genny”, italiano. Acompanhemmo-los em sua odisséia:

— Viajar pelo “Genny” foi nosso primeiro azar. Uma casca de noz, de classe única e tratamento miserável. Era um dêsses navios esquisitos que apareciam pelos mares após o término da guerra mundial, para transportar emigrantes e refugiados; por algum acaso, não fôra ainda retirado de circulação. Parece, porém, que a nossa foi a última viagem que fez. Espero que seja o efeito das pragas que lhe rogamos.

— Quem eram os passageiros?

— Como eu disse, era um navio estranho, e sua carga de passageiros mais estranha ainda. Quem viajaria no “Genny”, fora uns *chalutzim* malucos? Aventureiros em maré baixa, emigrantes que voltavam à Europa, desiludidos, fracassados no El-Dorado americano, tipos indefiníveis. Passava-se literalmente fome; a comida, uma mistura estranha de coisas intragáveis, e mesmo isso, em quantidades mínimas. A fome apertou tanto, que no fim de dez dias falava-se em greves de fome, em manifestações, em rebelião... A agitação conseguiu que a comida melhorasse um pouco.

— Como vocês organizaram a viagem? Havia dinheiro?

— Organizamos uma caixa coletiva com todo nosso dinheiro. Decidimos não tocar nele na viagem, afim de darmos um passeio pela Europa, entre um navio e outro. Cada qual recebeu alguns trocados, só para efeito moral mesmo. Um dia que a fome apertara muito, minha companheira e eu juntamos nossas “fortunas” e, bem às es-

condidas, compramos uma laranja, que, envergonhados, comemos num cantinho afastado . . .

— E como passavam o tempo? Organizaram alguma atividade?

— Oh, creio que fomos o único grupo que passou a viagem tôda estudando *ivrit*. Para apoiar a convicção coletiva de que era preciso estudar a língua, mas que é sempre meio contra-balançada pela preguiça, usou-se de um pequeno argumento a mais, que convenceu a todos: Por meio de um arranjo privado e algum dinheiro, conseguimos que fôsse servido um sandwiche de queijo para cada um, no meio da aula. As aulas tinham frequência 100%.

— E fora isso, como decorreu a viagem?

— Hmm, normal. Houve mais um incidente curioso: no meio da viagem, um judeu austríaco, velhinho já, resolveu morrer de um ataque de fígado. O navio passava justamente pelas proximidades da ilha de São Vicente; decidiu-se, de acôrdo com o Código Marítimo, que pela proximidade de terra, não seria o corpo lançado ao mar, mas sepulto nela. O capitão enviou um telegrama às autoridades: “Morreu otodoxo à bordo. Preparem entêrro”. Para enterrar o morto, porém, precisava-se de um *miniam*, um grupo de dez homens; assim, escolheram-se dez judeus, cinco dos quais companheiros de nosso grupo, para descer à terra. Foi uma disputa acirrada entre os judeus, pois descer à terra significava uma porção de coisas agradáveis, entre as quais, comer.

— Pois bem, quando o barco chegou em terra, estava esperando já o caixão, mas com uma enorme cruz em cima e um ministro protestante ao lado! O capitão, no telegrama, não especificara que otodoxo era, e haviam pensado que seria protestante. Foi uma situação bastante embaraçosa, mas no fim tudo se explicou, tirou-se a cruz, e o bom homem finalmente encontrou descanso eterno . . .

— Bem, pelo menos, como foi o passeio pela Europa?

— Ah, o passeio pela Europa . . . Quando descemos em Gênova soubemos que, ao contrário do que costuma acontecer, o outro navio, o “Felipe Grimanni”, não sairia dentro de uma semana, mas dentro de . . . uma hora! Aliás, estava esperando expressamente para nos receber. Pode crer, ficamos imensamente agradecidos pela gentileza da espera. Mas como não havia outro recurso, ficamos no pôrto para ajudar nas bagagens. Terminamos, subimos no novo navio, e . . . pensa você que já estava tudo em ordem? Eis que faltavam duas companheiras! O alto-falante chamou os nomes, a sirene do

navio apitou desesperadamente, mas nada das duas aparecerem. Que fazer? O navio acabou partindo sem elas.

— Que teria acontecido com as duas? Imaginámos mil coisas. O pior é que ambas estavam sem um tostão no bolso. No dia seguinte, quando entramos em Nápoles, eis que as duas estavam esperando no cais! Logo depois, esclareceu-se tudo: durante a viagem no “Genny”, um dos oficiais, um grego chamado “*Roite Bekelech*” (Bochechinhas Vermelhas) simpatisara com uma das moças. Em Gênova êle a convidara para visitar umas ruínas históricas, ela foi com uma amiga, e na volta, cadê navio? — O navio se fora . . . De uma forma ou outra arrumara-se o dinheiro para a viagem até Nápoles, o oficial fôra cavalheiro e as acompanhara, e aquí estavam elas, vivas e contentes. Mas a indignação dos passageiros do navio, quase todos judeus! Onde já se viu, duas moças viajando uma noite tôda em companhia de um *goi!* Para salvar o prestígio de nosso grupo houve que aplicar-lhes um castigo exemplar: em cada pôrto onde descéssemos, não receberiam elas dinheiro para comprar doces!

CHEGADA AO PAÍS — EM MEFALSIM

— DESEMBARCAMOS em Haifa, em fevereiro de 1950. Os companheiros de Mefalsim esperavam-nos já no cais, e juntos dirigimo-nos para Mefalsim, que deveria ser nosso futuro *kibutz*.

— Por que Mefalsim?

— No 1º Congresso Sul-Americano do movimento, em 1947, fora aprovada a criação de um *kibutz* sul-americano. O movimento argentino, que saíra para *aliá* antes de nós, iniciara já a construção dêste *kibutz*, e também nós vínhamos nos integrar nele. Mefalsim situava-se no Shaar Haneguev (Portão do Neguev), a poucos quilômetros da linha de armistício egípcia.

Depois de alguns dias livres, saímos para um curso de *ivrit*, e em seguida ingressamos no trabalho do *kibutz*, esperando pela vinda do segundo grupo, para sairmos para um período de preparação num *kibutz* velho (*hachshará* em *meshek vatik*).

— Como estava Mefalsim?

— Mefalsim vivia um período de trabalho, de construção. O *kibutz* fôra estabelecido num ponto diferente, mas interêsses de ordem militar ditaram sua transferência para outro local, situado a dois

quilómetros de distância, uma posição estratégica, que dominava a estrada. Metade das coisas estavam ainda no ponto velho, a 200 metros da fronteira; a mudança tôda tinha que ser feita pelos próprios *chaverim*, pois ainda não existiam as instâncias oficiais que hoje em dia se encarregam destas coisas.

— Nossos companheiros lançaram-se ao trabalho com muito boa disposição. Realmente, não eram tempos fáceis. Morava-se em tendas ou barracas muito primitivas, não havia água, o cozinha funcionava em condições muito precárias. A situação militar era intranquãla. O curral das vacas, por exemplo, continuava ainda no ponto velho, ao lado da fronteira. Diàriamente iam para lá dois companheiros para a ordenha e dois guardas. Passavam o dia ou a noite inteiramente isolados do *kibutz*. Era realmente perigoso. Também os chuviros continuavam no ponto velho. Um banho significava andar quatro quilómetros.

— Apesar das condições, nosso grupo trabalhava muito, e bem. A equipe forjada na *hachshará* demonstrou bôa fibra e resistência. Ao lado das dificuldades, havia também as alegrias. O primeiro casamento em Israel, de Benjamin e Chana, foi muito festejado.

— Quando chegou a segunda parte do seu grupo?

— Cêrca de seis meses depois. Já completos, iniciamos a discussão com Mefalsim para cumprimento da resolução do movimento sôbre um período de preparação num *kibutz* velho. Apoiávamo-nos no fato de que todo grupo, chegando a Israel, tinha a indiscutível necessidade, hoje, aliás, aceita já por todos, de viver um novo período de preparação num *kibutz* já estabilizado, para conhecer o que significava o *kibutz* de mais idade, familiarizar-se com as novas formas de trabalho, aprender a língua, aproveitar a experiência dos veteranos.

— Mefalsim opunha-se a tal resolução, pois estabelecidos já num *kibutz*, sem terem feito todos *hachshará*, julgavam isto dispensável; além disso, o muito trabalho exigia o máximo de mãos de obra. Não aceitamos êste ponto de vista, êle nos pareceu apoiado apenas em razões imediatistas. Após uma série de discussões, o *kibutz* acabou concordando com nossa *hachshará*; saíramos como grupo de Mefalsim.

— Como escolheram o *kibutz* velho para êste período?

— Organizou-se uma lista de cinco colônias, que foram visitadas para dentre elas escolher-se a mais conveniente. A escolha recaiu

sôbre Kineret, um dos mais velhos *kibutzim* do país, intensamente agrícola, de ambiente social muito bom. Fora disto, um *kibutz* à margem da agitação política que fermentava naquele tempo no Kibutz Hameuchad*, nos meses que precederam sua cisão. Sôbre as experiências que tivemos em Kineret, contarei depois.

— Após o término da *hachshará* e realização de um curso intensivo de *ivrit*, de um mês, em Jerusalém, voltamos para Mefalsim, ao tempo da chegada do segundo grupo brasileiro. Levantamos a discussão de preparação em *kibutz* velho também em relação a êles, pois após nossa *hachshará* em Kineret, tendo constatado sua importância e seu valor para o primeiro contacto com o país e suas condições, estávamos convencidos já pela experiência de que esta teria de ser a orientação para todos os grupos futuramente vindos da Golá.

— Mas as mesmas dificuldades da primeira vez repetiram-se novamente, dessa vez, porém, muito mais agudas e intensas que quando de nossa *hachshará*. Iniciou-se longa e difícil discussão, que culminaria em nossa saída de Mefalsim.

* Kibutz Hameuchad — Federação de *kibutzim* que se cindiu em 1951, por razões políticas, e de onde saiu parte da Federação Kibutziana a qual atualmente pertencemos, o Ichud Hakvutzot Vehakibutzim, a maior do país, reunindo 82 *kibutzim*.